

algumas idades ainda hoje quando os adultos se arrogam o direito de educar as idades mais novas, como se eles conseguissem ou devessem dar conta de todas as dúvidas e perguntas que surgem criativamente no universo das crianças.

Estes conceitos, enraizados na cultura, dificultam o processo de individuação da criança nos dias de hoje, quando ainda é considerada deficitária, precisando ser primeiramente educada para alcançar subjetividade plena.

Quanto ao desenvolvimento psicopedagógico, os seres humanos, entre eles as crianças, apresentam características específicas conforme a faixa etária, que auxiliam na compreensão de sua personalidade e na construção do processo educacional. São muitos os teóricos desta área, porém esta pesquisa utiliza os aportes de Jean Piaget, com seus *estágios de desenvolvimento cognitivo*, Erik Erikson, com a descrição do *desenvolvimento psicossocial*, e James Fowler, com os *estágios de desenvolvimento da fé* (Apêndice 4).

Segundo a epistemologia genética, Piaget concebe o *desenvolvimento cognitivo* como fruto da interação do sujeito e do ambiente, o que é conhecido hoje como construtivismo. O ser humano ao longo da vida se ajusta ou se adapta ao meio Piaget chama este processo de aprendizagem. É através das atividades cognitivas que "a criança toma-se um sujeito que constrói o seu próprio conhecimento da realidade, pois é sempre o sujeito que coordena as operações e descobre as relações entre os objetos, ordenando, combinando, pensando e, mais tarde, formulando hipóteses do real possível" . Para Piaget "o pensamento evolui numa sequência de estágios mentais [...] no desenvolvimento das estruturas cognitivas ligadas ao desenvolvimento da afetividade e da socialização da criança"¹¹⁰.

Estes estágios estão assim identificados: a) **sensório-motor** (do nascimento aos 18 meses): predominam os reflexos naturais, a relação com o meio é física, possibilitando "as construções de categorias do objeto e do espaço, da causalidade e do tempo" , e a inteligência deve ser estimulada por todos os órgãos de sentido; b) **pré-operacional ou intuitivo** (dos 2 aos 6 ou 7 anos): a linguagem e o pensamento começam a convergir, o egocentrismo característico desta idade aparece por conta da perspectiva e dos sentimentos próprios da criança, que a torna "capaz de reconstituir suas ações passadas sob forma de narrativas, e de antecipar suas ações futuras pela representação verbal."¹¹², sua conduta é modificada pela socialização, pelo pensamento e pela intuição; c) **operacional concreto** (dos

¹⁰⁹ DAUNIS, Roberto. **Jovens: desenvolvimento e identidade - troca de perspectiva na psicologia da educação**, São Leopoldo: Sinodal, 2000.p.29.

¹¹⁰ MIRANDA, Ana Maria Vieira de. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência; perspectiva psicológica**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003. (Tese de Doutorado)? 83.

iii

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24ª.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.p.21.

¹¹² PIAGET, 2006. p.24.

6 ou 7 aos 11 ou 12 anos): sistema estável e flexível de operações lógicas, capacidade em diferenciar sua própria perspectiva e a dos outros com quem ela interage, raciocínio lógico-matemático, a criança "se toma suscetível a um começo de reflexão, [...] pensa antes de agir, [...] trata-se do início da construção lógica, que constitui, precisamente, o sistema de relações que permite a coordenação de pontos de vista entre si."¹¹³; e d) **operacional formal** (dos 12 aos 16 anos): poder de abstração é total na adolescência, constitui uma lógica de proposições, é pensamento sobre pensamento, "as operações lógicas começam a ser transpostas do plano da manipulação concreta para o das ideias [...], trata-se não somente de aplicar operações aos objetos, [...] mas de 'refletir' estas operações independentemente dos objetos"¹¹⁴, o ser humano começa a demonstrar personalidade, que "resulta da submissão, ou melhor, da auto-submissão do eu a uma disciplina qualquer"¹¹⁵, e se sente inserido no mundo, pensando como um adulto. Com estes quatro estágios, Piaget considera completo o desenvolvimento cognitivo do ser humano.

Enquanto Piaget se limita a pesquisar o desenvolvimento mental da pessoa até o período da adolescência, a teoria de Erik Erikson compreende e descreve o desenvolvimento do ser humano pela vida toda, observando a influência de fatores sociais sobre o indivíduo. Por este motivo, ele denomina a sua teoria de *desenvolvimento psicossocial*.

Erikson identifica a *esperança*, a *fidelidade* e o *cuidado* "como forças humanas ou qualidades de ego que emergem de estados estratégicos como o período de bebê, a adolescência e a idade adulta"¹¹⁶ e que "correspondem àqueles valores maiores de crença como *esperança*, *fé* e *caridade*". Estes valores são conhecidos como valores universais, mas também apresentados como virtudes do cristianismo, pelo apóstolo Paulo na primeira carta do apóstolo aos Coríntios, capítulo 13, versículo treze, que diz "Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade."¹¹⁷. Ou ainda, na primeira carta do apóstolo aos Tessalonicenses, capítulo 1, versículo 3, que diz "É que recordamos sem cessar, aos olhos de Deus, nosso Pai, a atividade de vossa fé, o esforço da vossa caridade e a perseverança da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo"¹¹⁸. Estas forças psicossociais "representam as qualidades básicas e necessárias para nortear, referenciar e sustentar o indivíduo no transcorrer do ciclo da vida"

¹¹³ PIAGET, 2006. p.42.

¹¹⁴ PIAGET, 2006. p.59.

¹¹⁵ PIAGET, 2006.p.61.

¹¹⁶ ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p.53.

¹¹⁷ A BÍBLIA de Jerusalém. 3-impr. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.p.2166.

¹¹⁸ A BÍBLIA de Jerusalém, 1987.p.2217.

¹¹⁹ MIRANDA, 2003.p.62.

Erikson apresenta oito etapas de desenvolvimento e a cada uma corresponde um conflito que, quando resolvido, incorpora ao ego resultados positivos ou negativos. Os resultados positivos colaboram para o desenvolvimento sadio e os resultados negativos prejudicam o desenvolvimento.

Na **primeira idade** (do nascimento até 1 ano), se estabelece o conflito entre a *confiança básica* e a *desconfiança básica*: é fundamental que o bebê aprenda a confiar, contar com os adultos, a acreditar e a confiar em si mesmo, para construir sua identidade e estabelecer satisfatoriamente suas relações; quando a confiança supera a desconfiança, surge a esperança, que "concede ao futuro antecipado um senso de liberdade de movimento que convida a pulos expectantes"¹²⁰, impulsionando a criança para a idade seguinte, mas também se renovando em todos os estágios seguintes.

Na **segunda idade** (dos 2 aos 3 anos), o conflito é entre a *autonomia* e a *vergonha e dúvida*, a independência e a autonomia acontecem com base na maior mobilidade da criança;

a vergonha surge quando "o indivíduo se sente completamente exposto [...], visível mas não está preparado para isso"¹²¹; um temor difuso e incerto, proveniente do que é desconhecido da criança, gera a dúvida. A orientação firme e o encorajamento fomentam o crescimento e fazem surgir a força que Erikson chama de vontade.

A **terceira idade** (dos 4 aos 5 anos) apresenta o conflito entre *iniciativa* e *culpa*: a iniciativa, presente em todo ato humano, nesta idade desenvolve a interação com o mundo, com os outros, mas as admoestações, julgamentos e proibições de pais e outros adultos podem produzir o sentimento de culpa, que pode levar a criança ao fracasso. Nesta fase, mais do que em qualquer outra, a "criança "está ansiosa e apta para fazer coisas em cooperação, para juntar-se a outras crianças com o propósito "de construir e planejar, é pressurosa por obter o maior-proveito das lições de seus mestres e seguir o exemplo dos protótipos ideais"¹²². A força do propósito "determina a direção para o possível e o tangível que permite relacionar os sonhos das primeiras fases da infância com as metas da vida adulta"¹²³.

Na **quarta idade** (dos 6 aos 12 anos) o conflito se estabelece entre *produtividade* e *inferioridade*: se a criança não consegue desenvolver as habilidades que se esperam dela, surge um sentimento de inferioridade em relação aos integrantes do grupo. A criança aprende a usar as capacidades físicas e cognitivas, num trabalho produtivo e cooperativo, com "os adultos que se fazem professores por dotes e inclinações naturais e não por decreto, e talvez a

""ERIKSON, 1998.p.54.

¹²¹ ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores,, 1971. p.232.

""ERIKSON, 1971. p.237.

""ERIKSON, 1971.p.238.

maior parte com as crianças maiores"¹²⁴. Como resultado, ela adquire competência, que "implica fazer coisas ao lado de outros e com eles"¹²⁵.

Na **quinta idade** (dos 13 aos 18/20 anos) se desenvolve o conflito entre *identidade* e *confusão de papéis*: "os jovens [...] preocupam-se agora principalmente com o que aparentam aos olhos dos outros, comparado com o que sentem que são, e com a questão de como associar os papéis e habilidades anteriormente cultivadas com os protótipos do momento"¹²⁶, como preparação para assumir compromissos conscientes e duradouros que podem ajudar a definir sua identidade ou gerar confusões com base em crises anteriores mal resolvidas. Quando "os adolescentes não só se ajudam temporariamente uns aos outros a vencer muitas dificuldades, formando grupinhos e fazendo-se estereótipos e a seus ideais e seus inimigos, mas também põe à prova perversamente a mútua capacidade de hipotecar a lealdade"¹²⁷ surge o que Erikson chamou de fidelidade.

A **sexta idade** (dos 19/20 aos 25/30 anos) prepara o jovem para o trabalho, e apresenta o conflito entre *intimidade* e *isolamento*: o sentido de identidade bem desenvolvido na fase anterior possibilita uma mais profunda compreensão de si mesmo e o melhor envolvimento com o outro e com o trabalho. A intimidade "é a capacidade de se confiar a filiações e associações concretas e de desenvolver a força ética necessária para ser fiel a essas ligações, mesmo que elas imponham sacrifícios e compromissos significativos. [...] A evitação de tais experiências devida ao temor da perda do ego pode conduzir a uma profunda

sensação de isolamento" . Embora esteja presente nos estágios anteriores, o amor é a força que, nesta idade, estabelece relações de intimidade com os outros. -

A **sétima idade** (dos 26/30 aos 40/60 anos) apresenta o conflito entre *generatividade* e *estagnação*, quando o ser humano pode se sentir produtivo/criativo e útil para as novas gerações ou o contrário disto. A generatividade "é fundamentalmente a preocupação relativa a firmar e guiar a nova geração" . A virtude que promove a generatividade é o cuidado com os outros, é querer fazer algo por alguém.

A **oitava** e última etapa apresentada por Erikson (a velhice) apresenta o conflito entre a *integridade do ego*, quando o ser humano sente satisfação e realização com a vida, e a *desesperança*, quando sente que desperdiçou a vida e tem que enfrentar a velhice e a morte. "O possuidor de integridade está preparado para defender a dignidade de seu próprio estilo de

¹²⁴ ERIKSON, 1971.P.239. ¹²⁵ ERIKSON, 1971.P.240. ¹²⁶ ERIKSON, 1971.P.240. ¹²⁷ ERIKSON, 1971.p.241-242. ¹²⁸ ERIKSON, 1971.p.242-243. ¹²⁹ ERIKSON, 1971.p.246.

vida contra todas as ameaças físicas e económicas"¹³⁰. A partir de sua integridade, a velhice contribui com a força da sabedoria, para animar as pessoas dos outros estágios a se tornarem adultos maduros.

Por último, a teoria desenvolvimental da fé, alicerçada sobre os pressupostos de Piaget e Erikson, é sistematizada por James Fowler em *estágios da fé*. Fowler conceitua o viver humano como aquele que gira em torno de perguntas de fé que possibilitam chegar a um sentido para a vida. Para ele, a fé é sempre relacional e norteia o sentido de vida. Nossa confiança e nosso comprometimento moldam nossa identidade e nossa fé. Um relacionamento de amor, confiança e lealdade mútuos entre o eu e o outro desenvolvem fé e identidade, simultaneamente.

O ser humano passa por um processo contínuo de desenvolvimento que envolve corpo, personalidade e capacidade de relação. Assim, a fé é a "força integradora que dá forma e une os elementos intelectuais, emocionais e corporais do ser humano"¹³¹. Os estágios da fé de James Fowler se apresentam num movimento espiral ascendente, em que cada novo estágio resgata, amplia, reestrutura e incorpora aspectos dos estágios anteriores. Cada estágio determinado por Fowler identifica uma força capaz de produzir ou não a fé para o estágio seguinte.

Segundo o autor, "todos nós começamos a peregrinação da fé quando bebês"¹³². Nossa adaptação no mundo em que entramos com o nascimento "depende tanto do progresso de nossa maturação global quanto da forma em que as pessoas e as condições de nosso ambiente nos recebem e nos fazem entrar em interação". Esta interação é que dá forma à confiança, "confiança nas pessoas que cuidam de nós e no ambiente que proporcionam;

confiança na própria pessoa, em seu valor e no senso de estar em casa; confiança no mundo de maior sentido que cerca incipientemente a criança e as pessoas que cuidam dela". No pré-estágio chamado **lactância**, da criança até os 3 anos, a fé é *indiferenciada*, ou seja, a mutualidade com base no relacionamento mãe-filho desenvolve a fé como sendo confiança, autonomia, esperança e coragem.

O estágio 1, da **primeira infância**, em que a criança tem de 3 a 6 ou 7 anos, Fowler denomina fé *intuitivo-projetiva*. Neste estágio, as crianças "combinam fragmentos de histórias e imagens fornecidas por sua cultura, integrando-os em seus próprios conjuntos de

¹³⁰ ERIKSON, 1971.p.247.

¹³¹ MIRANDA, 2003. p.98.

¹³² FOWLER, James W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p.105.

associações significativas concernentes a Deus e ao sagrado"¹³³; as crianças recorrem à fantasia e imaginação para se relacionar com os outros. Fowler identifica que a educação, em todos os ambientes nesta idade, "tem uma tremenda responsabilidade pela qualidade das imagens e histórias que proporcionamos como dons e guias para a fértil imaginação de nossas crianças"¹³⁴. Ele orienta que

pais e professores deveriam criar uma atmosfera em que a criança possa expressar livremente, de modo verbal e não-verbal, as imagens que estiver formando. Onde se encoraja e permite esta expressão, a criança é levada a sério e os adultos podem fornecer auxílio apropriado para lidar com as imagens deformadoras, distorcidas ou destrutivas que a criança tiver formado.¹³⁵

O autor aponta ainda para a grande utilidade das narrativas por parábolas, que contribuem para o nascimento da imaginação, que é "a capacidade de unificar e captar o mundo da experiência em poderosas imagens" e conforme as histórias são apresentadas é que "registram as compreensões e sentimentos intuitivos da criança no tocante às condições últimas da existência"¹³⁶. O realismo das narrativas ajuda as crianças a externalizarem ansiedades e acharem imagens ordenadoras para sua vida.

A fé *mítico-litera* manifestada no estágio 2, da **infância**, dos 7 aos 12 anos, "traz consigo a capacidade de ligar nossas experiências, formando sentido, por intermédio de histórias"¹³⁷. Embora seja característica da idade de escola primária, alguns adolescentes e adultos podem permanecer neste estágio. As operações concretas ajudam a criança a distinguir o real do imaginário e a elaborar narrativas, que além de despertar o interesse,

170

"tomam-se meios para a extensão da experiência da criança e de sua compreensão da vida" . A imagem antropomórfica, de Deus é elaborada a partir da comparação das ações de Deus com as ações de seus pais, ou outros adultos de sua convivência, por conta "da capacidade que a criança adquire neste estágio de assumir a perspectiva dos outros, passando "os significados que lhe foram comunicados pelos filtros de suas próprias estruturas de conhecimento e valoração"¹³⁹. A relação de Deus com o ser humano, neste estágio, se baseia na reciprocidade, na troca de favores e proteção por boas ações. A narrativa capacita o ser humano a "descobrir e dar coerência à experiência"¹⁴⁰.

"FOWLER, 1992. p. 113. ¹³⁴

FOWLER, 1992. p. 116.

"FOWLER, 1992. p. 116. ¹³⁶

FOWLER, 1992. p. 117.

"FOWLER, 1992. p. 118.

¹³⁸ FOWLER, 1992. p. 119.

¹³⁹ FOWLER, 1992. p.122.

¹⁴⁰ FOWLER, 1992. p. 129.

No estágio 3, da **adolescência**, a partir dos 13 anos, a fé é denominada *sintético-convencional*. Neste estágio começam a ser construídas relações sociais, para além dos contextos familiares, e definem-se a identidade e a fé pessoal. Este estágio, além de ajudar a compreender o desenvolvimento de fé num adolescente, também ocupa "um lugar permanente de equilíbrio"¹⁴¹ para muitos adultos. Como o pensamento operacional formal é capaz de refletir sobre o próprio pensamento, o ser humano pode ver, examinar a própria vida como um todo, sintetizar valores e informações, como se estivesse observando à margem da vida, formando identidade e perspectiva pessoal. O adolescente quer "um Deus que conheça, aceite e confirme profundamente o próprio eu"¹⁴². Esta imagem significativa de Deus pode "exercer um poderoso efeito ordenador sobre a identidade e a perspectiva de valores do adolescente". A formação de identidade e fé pessoal é a força que impulsiona o ser humano na transição para o próximo estágio.

A fé *individuativo-reflexiva* surge no estágio 4, do **início da idade adulta**, quando o indivíduo busca por autenticidade, através da reflexão crítica sobre os valores anteriormente aceites; do ego executivo moldado por um "estilo de vida variante em relação a um etos valorativo compartilhado"¹⁴³; da tradução de símbolos para significados conceituais; da tensão entre individualidade e espírito de grupo, entre subjetividade e objetividade, entre auto-

realização e serviço altruísta, entre o relativo e o absoluto, entre a lógica e a abstração .

No estágio 5, da **idade adulta**, a fé é *conjuntiva*, ou seja, ela "suspeita que as coisas estão organicamente relacionadas umas às outras; [...] reconhece a tarefa de integrar ou reconciliar o consciente e o inconsciente. [...] está pronta para encontros significativos, com outras tradições"¹⁴⁵. A força deste estágio está em integrar contradições. Crenças, valores e significados entram em choque e o ser humano tem que construir uma nova postura de fé, capaz de sustentar e fundamentar o restante de sua vida, na busca de realização e integridade.

O estágio 6, da **fé madura**, ou fé *universalizante* caracteriza-se pelo envolvimento e comprometimento radical "para a transformação da realidade amai na direção de uma realidade transcendente"¹⁴⁶. Pertencer a este estágio significa possuir um elevado desapego pessoal, uma radical identificação com situações desumanas e um intenso amor e cuidado com os outros. Não significa que estas pessoas sejam perfeitas, porém apresentam qualidades acima da normalidade. Para James Fowler, as raras "pessoas que chegam a corporificar a fé

¹⁴¹ FOWLER, 1992.p.146.

¹⁴² FOWLER, 1992.p.132.

¹⁴³ FOWLER, 1992.p.152.

¹⁴⁴ FOWLER, 1992.p.154-155.

¹⁴⁵ FOWLER, 1992.p.156-158.

¹⁴⁶ FOWLER, 1992.p.168.

universalizante são levadas a esses padrões de comprometimento e liderança pela providência de Deus e pelas exigências da história"¹⁴⁷.

Aproximando a teoria psicopedagógica do desenvolvimento humano ao objeto de estudo desta pesquisa, faz-se necessária análise crítica de Norbert Mette, quando afirma que no campo da educação na fé, a educação continua sendo praticada como "um processo de transmissão de verdades reveladas, para as quais cada nova geração apenas precisa ser

conduzida e em que tem que ser instruída"¹⁴⁸. Inversamente, a educação deve ser vista "como um processo social interativo, de que uns e outros — crianças e adultos — participam" e compartilham significados na construção de sentido. As crianças procuram pelo sentido das coisas de forma ativa, criativa, em permanente comunicação com os outros, quando assim forem estimuladas, e lhes for permitido pensar, sentir e agir como sujeitos na construção de sua história, também de sua vida de fé. Ou seja, a revelação e a mensagem do próprio Cristo não devem ser ensinadas numa dinâmica de pura transmissão, mas, sim, deve ser um processo de interação carregada de sentido para a vida das pessoas.

Na IECLB também predominava esta prática de simples transmissão e não interpretação dos conteúdos, especialmente no Ensino Confirmatório. Entretanto já houve mudanças. Nos cursos de formação de leigos e obreiros e de formação continuada é enfatizado o princípio de interpretação que Lutero introduziu no Catecismo Menor, quando orienta que

peças jovens e simples devem ser ensinadas com um texto uniforme e fixo, [...] palavra por palavra, de forma que também o possam repetir assim e decorar. [...] Quando já conhecem bem o texto, ensina-lhes também o sentido, para que saibam o que significa. [...] E toma tempo para isso. [...] Quando lhes tiver ensinado este breve catecismo, toma o catecismo maior e dá-lhes também conhecimento mais rico . " e mais amplo. [...] E martela especialmente no mandamento e parte "em que haja maior negligência entre o teu povo.

Na atualidade, é importante observar o relatório da pesquisa sobre o Ensino Confirmatório e a Confirmação na IECLB, realizada pelo Departamento de Educação, em 2002, com o propósito primeiro de levantar dados para "subsidiar a prática educativa, o planejamento de seminários de capacitação de orientadores e orientadoras e a formação de obreiros e obreiras"¹⁵⁰. Com estes dados, "o Fórum Nacional de Ensino Confirmatório propôs

¹⁴⁷ FOWLER, 1992.P.170.

¹⁴⁸ METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. In: **Concilium**, Petrópolis, Vol./nº264, 1996.P.121-122.

¹⁴⁹ LUTERO, 1983.P.364-365.

¹⁵⁰ SCHULTZ, Valdemar (relator). Relatório da pesquisa sobre o ensino Confirmatório e a confirmação na IECLB. In: PONICK, Edson. **Ensino confirmatório e confirmação: memória do Fórum Nacional de Ensino Confirmatório**. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p.62.

a criação de um plano de Educação Cristã para a IECLB, desde uma educação pré-batistal, perpassando todas as fases do ciclo da vida: infância, adolescência, juventude, vida adulta e terceira idade [...] na perspectiva da Formação Cristã Continuada"¹⁵¹. Ou seja, a pessoa, independente da faixa etária, precisa compreender, apreender e contextualizar o significado do conteúdo de fé, assimilando-o a sua vida.

Especificamente a respeito das crianças que frequentam o Culto Infantil, a IECLB, através de seu Departamento de Catequese, realizou no período de 2001 e 2002, uma pesquisa sobre a realidade do Culto Infantil (Anexo 1). Houve um percentual de 41,6% de paróquias respondentes. Este índice é bastante representativo como critério de amostragem. Das paróquias que responderam à pesquisa, somou-se o total de 33.281 crianças inscritas nas paróquias, do qual 15.865 crianças participam do Culto Infantil. A faixa etária das crianças que participam é, na sua grande maioria, de 3 a 4 anos até 11 a 12 anos de idade, apresentando uma variação entre 0 a 10 anos até 8 a 15 anos de idade, com menor incidência.

Sobre a faixa etária das crianças que participam do Culto Infantil, na IECLB, é importante destacar as contribuições de Piaget, Erikson e Fowler para a prática do Culto Infantil.

Se Piaget considera o desenvolvimento mental como sendo "uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior"¹⁵², apresentado por ele numa sequência de *estágios mentais ou cognitivos*, que contribui para o desenvolvimento da vida afetiva e das relações sociais, e que "a ação humana consiste neste movimento .contínuo e perpétuo de reajustamento ou de equilibração"¹⁵³, é oportuno considerar a existência destes estágios também na proposição de objetivos, conteúdos, atividades para o Culto Infantil, na construção do processo contínuo de aprendizagem na fé.

Piaget identifica que em todas as idades "a ação supõe sempre um interesse que a desencadeia, podendo-se tratar de uma necessidade fisiológica, afetiva ou intelectual"¹⁵⁴. Sendo assim, a criança "que sabe bem o que quer e age, como nós, em função de um interesse definido", é apresentada como um sujeito que constrói o seu próprio conhecimento da realidade, através das atividades cognitivas, afetivas e comportamentais que devem ser consideradas diferencialmente, também no contexto do Culto Infantil.

Destacam-se ainda as observações de Piaget quanto ao que deve ser permitido ou proporcionado nesta faixa etária, dos 3 aos 12 anos, de forma gradual, para o avanço de seu

¹⁵¹ SCHULTZ, 2005. p.90.

¹⁵²

¹⁵³ PIAGET, 2006.p. 16.

PIAGET, 2006. p. 13.

PIAGET, 2006.p. 16. ⁵⁴

PIAGET, 2006.p. 14.

desenvolvimento, como: o estímulo da inteligência por todos os órgãos dos sentidos; a reconstituição das ações em forma de narrativas; a modificação da conduta pela socialização, pelo pensamento e pela intuição; a diferenciação entre a perspectiva própria e a dos outros; a interação com as outras crianças; o uso de raciocínio lógico-matemático; o uso gradativo da reflexão sobre pontos de vista diferentes; a transposição das operações lógicas para o campo das ideias; o desenvolvimento do poder de abstração; a possibilidade de demonstração da personalidade e do sentimento de inserção no mundo adulto.

Considerando a teoria do *desenvolvimento psicossocial*, as pessoas que orientam o trabalho do Culto Infantil devem estar conscientes dos conflitos que surgem em cada idade, para colaborar no desenvolvimento sadio das crianças. De igual forma os educadores, no Culto Infantil, devem utilizar as forças psicossociais básicas e necessárias, presentes nas faixas etárias até os 12 anos, que o autor identifica como sendo a *esperança*, a *vontade*, o *propósito* e a *competência*, para nortear, referenciar e sustentar o processo dinâmico de desenvolvimento do ser humano.

É preciso possibilitar, gradativamente, que as crianças aprendam a acreditar e confiar nos adultos e em si mesmas, construindo identidade e estabelecendo relações satisfatórias. A orientação firme e o encorajamento fomentam o crescimento e a maior mobilidade, gerando independência e autonomia. A iniciativa desenvolve a interação com o mundo, com os outros em cooperação. Quando ela surge, deve ser potencializada com atividades que envolvam construção e planejamento, pois a criança aprende a usar as capacidades físicas e cognitivas, num trabalho produtivo e cooperativo, com crianças maiores ou com adultos que conquistam sua confiança e empatia. " " .

Conforme o exposto por Erikson, e especificamente para o interesse do Culto Infantil, quanto mais a criança ganhar em confiança, autonomia, iniciativa e produtividade pessoal, melhor preparada estará para viver os conflitos das idades posteriores de seu desenvolvimento, pois "crianças sadias não temerão a vida se seus antepassados tiveram integridade bastante para não temer a morte"¹⁵⁵.

Os *estágios da fé*, sistematizados por Fowler, trazem uma valorosa contribuição para o Culto Infantil. Segundo ele, a fé que pergunta pelo sentido da vida, é sempre relacional, com base em amor, confiança e lealdade, e integra elementos intelectuais, emocionais e corporais, ou seja, envolve corpo, personalidade e capacidade de relação, considerando a integralidade do ser. Também Fowler considera que cada estágio do desenvolvimento resgata, amplia,

"ERIKSON, 1971.p.248.

reestrutura e incorpora aspectos dos estágios anteriores e, apresenta uma força capaz de produzir ou não a fé para o estágio seguinte, num movimento ascendente. Daí a importância de o educador cristão conhecer os estágios, que antecedem a faixa etária em que atua, para identificar facilidades e dificuldades possíveis no desenvolvimento do processo de aprendizagem na fé.

Para as crianças até os 6 ou 7 anos, Fowler destaca: a interação ou mutualidade que dá forma à confiança nas pessoas, no ambiente, em si mesmo, no senso de estar em casa e no mundo; a responsabilidade da educação, inclusive na fé, pela qualidade das imagens e histórias proporcionadas para a imaginação fértil das crianças; a permissão e o encorajamento de pais e educadores quanto à expressão livre das imagens que a criança estiver formando; a combinação de histórias e imagens da cultura e experiência da criança com associações significativas de Deus e do sagrado; a contribuição das narrativas por parábolas, que ajudam as crianças a externalizarem ansiedades e acharem imagens ordenadoras para sua vida.

Dos 7 aos 12 anos, é possível desenvolver a distinção do real e do imaginário; a elaboração de narrativas desperta o interesse, estende a experiência da criança e a compreensão da vida; a imagem de Deus é elaborada a partir da comparação entre as ações de Deus e as ações dos adultos de sua convivência, o que requer de seus educadores coerência entre o que ensinam e o que vivem; a relação que se estabelece entre a criança e Deus, nesta fase, se baseia na reciprocidade; a transição para o estágio seguinte inicia por conta das "contradições implícitas nas histórias, que leva à reflexão sobre os significados"¹⁵⁶, esta reflexão é possível e necessária, e as contradições devem ser enfrentadas.

Embora seja característica da idade de escola primária, alguns adolescentes e adultos podem permanecer neste estágio, apesar de constar que "*o que foi passado para as crianças até os 10/12 anos é o que vai ajudá-la a suportar, vencer, passar pelas agruras da vida*"¹ (entrevista 3).

Em síntese, para Piaget, a criança é sujeito da construção de seu próprio conhecimento, a partir de um interesse ou uma necessidade *fisiológica, afetiva* ou *intelectual*, através de atividades **cognitivas, afetivas e comportamentais**. Para Erikson, a criança é influenciada por fatores sociais, e vive conflitos/cries dos quais surgem as forças psicossociais, reconhecidas como valores universais de crença, como a *fé/fidelidade, a esperança, o cuidado/caridade/amor*. Para Fowler, a criança desenvolve sua fé, perguntando pelo sentido da vida, na relação com as outras pessoas, com base em *amor, confiança* e

¹⁵⁶ FOWLER, 1992. p. 129.

lealdade, integrando elementos **intelectuais, emocionais e corporais**, ou seja, corpo, personalidade e capacidade de relação, considerando a integralidade do ser.

Os educadores devem utilizar estes interesses, necessidades, forças e elementos para nortear, referenciar e sustentar o processo dinâmico de desenvolvimento do ser humano, estruturando o trabalho do Culto Infantil sobre objetivos, conteúdos e atividades com base nos propósitos de **saber, sentir e fazer**, para melhor conduzir o processo de aprendizagem na fé.

Os pais e padrinhos também são sujeitos da educação cristã porque assumem o compromisso de educar as crianças na fé cristã no ato do Batismo. Conforme orientação da igreja, "pais e padrinhos devem estar presentes, participando do ato do Batismo. São membros de sua Comunidade e, portanto, colaboradores de Deus. Incumbidos pela Comunidade, assumem a missão de conduzir o batizando a uma vida de fé."¹⁵⁷. Os pais recebem uma ordenação para a paternidade responsável, quando recebem a bênção, logo após o ato do Batismo: "imploramos a bênção de Deus para a mãe ou os pais da criança. Na imposição das mãos, eles são ordenados para a paternidade responsável; recebem a certeza de que podem contar com Deus, seu auxílio e sua proteção."¹⁵⁸. Também os orientadores do Culto Infantil entrevistados apontam para a educação cristã que "*começa em casa com a responsabilidade dos pais*" (entrevista 9); "*a partir do batismo, Jesus disse que além de batizar, a gente deve ensinar. Isso deve começar já em casa através da oração, de histórias bíblicas*" (entrevista 19).

Podem ser padrinhos de Batismo quem

. assumir a função de padrinho, de levar outros à vida de fé, quem pertence a Cristo, quem professou sua fé, quem vive confiante em Deus, quem participa em sua Comunidade e quem tem condições de educar o batizando na vida e na fé evangélica. [...] Confessam sua fé em Cristo; prometem integrar o batizando na vida desta fé, introduzindo-o na mensagem bíblica, incentivando-o a confiar, a crer e a amar, e preparando-o para a aplicação de seus dons. Tudo isto através de seu exemplo pessoal, pois confiança, fé e dedicação são frutos do nosso Batismo; porque sem a nossa decisão, sem a nossa resposta, nossa vontade, nosso amor e nossa gratidão, não se podem cumprir os intentos de Deus para conosco.¹⁵⁹

No ato do Batismo, também a *comunidade eclesial* é convocada a participar do Batismo. A comunidade, na IECLB, "vive e anuncia o Evangelho, é a menor unidade orgânica e a base de trabalho da IECLB"¹⁶⁰. A comunidade tem como incumbências "assistir as novas gerações, em especial quanto ao ensino e à formação evangélico-luterana dos

¹⁵⁷

IECLB. **Nossa fé — nossa vida**: um guia de vida comunitária em fé e ação. 15. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p.20.

¹⁵⁸ IECLB, 1996. p.21.

¹⁵⁹ IECLB, 1996. p.20.

¹⁶⁰ CONSTITUIÇÃO da IECLB. Porto Alegre: Serviço de Registro Civil das Pessoas Jurídicas, 1998. Art. 8º Disponível em <<http://www.luteranos.com.br/ieclb/documentos/constituicao.doc>>. Acesso em 09 mar. 2007.